



## **EDITAL 01/2024**

### **PROCESSO SELETIVO PARA O INGRESSO EM 2025 NO CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

#### **Chave de Resposta**

**Questão 1)** Maquiavel analisa a fundação dos Estados, a política existente, em busca de uma teoria capaz de prever as condições necessárias para a conquista e manutenção dos governos e do exercício do poder sobre as sociedades. Hobbes busca o fundamento dos Estados, a política possível, a lógica esperada para a constituição de um contrato de comunidade na qual todos estão sujeitos a quem exerce a autoridade em nome do Estado, o governo, para que se possa viver em sociedade, em paz e segurança. Locke, como Hobbes, analisa os fundamentos do Estado, no plano do possível, não do real. Para ele, estados são contratos para que se possa garantir a vida segura e previsível em sociedade, mas com uma diferença: o governante, soberano, exerce um poder limitado às garantias da liberdade econômica da propriedade privada.

**Questão 2)** As fronteiras étnicas (e/ou particularidades sociais) e sua manutenção constituem o foco da investigação de Barth sobre grupos étnicos. Segundo ele, a fronteira não é física ou geográfica, é social, pois diz respeito aos limites (critérios e normas) postos pelos grupos étnicos para estabelecer a diferença e o pertencimento (ou exclusão) entre “nós” e “os outros”. A fronteira também não é um elemento de separação, isolamento social e xenofobia cultural, mas se refere aos lugares e contextos sociais de contatos, relações e interações entre pessoas que pertencem a diferentes grupos e culturas. Por isso, as fronteiras não são barreiras impermeáveis, no sentido de que os integrantes dos diferentes grupos e culturas não conseguem atravessá-las, ao contrário, elas representam contextos sociais de fluxos e relações de trocas e interações constantes. As fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam e as distinções não dependem da ausência de mobilidade, contatos e informações, visto que mesmo nas mudanças, na interação e na interdependência, as diferenças persistem. Segundo o autor,

o que delimita a fronteira do pertencimento e das diferenças são os sinais e símbolos diacríticos usados pelos integrantes dos grupos para demarcarem tais diferenças. Mesmo estabelecendo as diferenças, os grupos étnicos mantêm relações de interdependência e complementaridade, visto que estabelecem trocas de diversos tipos, desde os intercâmbios econômicos, bens e serviços, culturais, até as trocas e alianças matrimoniais. Por fim, segundo o autor, apesar de os processos de industrialização e modernização em diferentes partes do mundo provocarem mudanças e redução das diferenças culturais, não significou a homogeneização das identidades étnicas e das diferenças em termos organizacionais. Observa que as formas contemporâneas das organizações étnicas se viabilizam por um caráter político e a educação se tornou uma bandeira política das lideranças dos grupos étnicos.

Para pensar o conceito de hibridez, Hannerz dialoga com antropólogos que estudaram a partir de locais onde os habitantes são mestiços e cosmopolitas e a hibridez ajuda a identificar as pessoas. O autor rebate as concepções puritanas de que as hibridizações provocam degradações morais e culturais. Por isso, Hannerz estabelece uma análise das concepções sócio-culturais antagônicas entre hibridização e pureza. Segundo sua análise, de um lado temos conceitos que podem ser considerados aliados da noção de hibridez, como: impureza, novidade, mestiçagem, miscigenação, miscelânea, margem, transformação, mudança, renovação cultural, contato e troca cultural, diferenças, criatividade cultural, processo de fusão, colagem, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, processo, mobilidade, flexibilidade, contradições, ambiguidades, coexistência cultural, ironias, subversão e desestabilização da autoridade cultural colonial. Do outro lado, associadas às concepções de pureza, são encontradas as noções de imutabilidade, absolutismo, colonialismo, “culturas limitadas”, “culturas homogêneas” e “culturas atemporais”.

A encruzilhada, enquanto noção étnica e categoria antropológica, é analisada por José Carlos dos Anjos relacionada ao conceito de “território da linha cruzada” e como uma “cosmopolítica afro-brasileira”. A categoria encruzilhada é associada às concepções de incerteza, acontecimentos insólitos e está no plano das representações religiosas e também nas estruturas organizativas de grupos afro-brasileiros. A encruzilhada é lugar de disputa e conflitos, em termos de representações políticas e religiosas, bem como no plano da realidade. A encruzilhada, no plano religioso afro-brasileiro, é vista como fechada e aberta, sendo elas usadas como lugares de oferendas ao “povo da rua” (exu) destinadas a diferentes finalidades, podendo ser tais oferendas para abrir ou fechar os

caminhos de uma pessoa, pois a encruzilhada é o lugar de exu, sendo essa a divindade que abre ou fecha os caminhos. A encruzilhada é lugar de multiplicidade e metamorfose. Ela é o ponto zero no processo de subjetivização, sendo concebida como um não-território e um lugar perigoso e frágil da relação de identidade, pois nela se dá a relação com exu que é a entidade que não demarca um território de identidade, tratando-se de um laço fluído e de uma relação que se aproxima das relações clientelistas, chegando a um processo (movimento e fluxo) de desterritorialização da pessoa. A encruzilhada pode ser o começo, a abertura de um fluxo, quanto o fim de um território existencial, pois a vida é entendida como um território, e o cruzeiro que se encontra no cemitério representa a encruzilhada entre a vida e a morte. O autor chama a atenção para o fato de no território existencial da linha cruzada, incluindo os corpos, circulam energias positivas e negativas, e observa que as energias positivas são nômades e que não fecham um território. A encruzilhada é entendida também como ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades. A encruzilhada é entendida como categoria por meio da qual a religiosidade afro-brasileira pensa as diferenças e multiplicidades em constante metamorfose, em uma lógica substancialmente diferente das cosmovisões ocidentais, pois tal religiosidade trabalha com o princípio da contradição. Segundo o autor, uma primeira característica da lógica rizomática da religiosidade afro-brasileira é que, ao invés de dissolver as diferenças, ela conecta o diferente ao diferente, deixando as diferenças subsistirem como tais. A segunda característica da lógica das diferenças nessa religiosidade é que as diversas nações africanas e afro-brasileiras (políticas e religiosas) não são essências identitárias pertencentes a indivíduos, mas territórios simbólicos de intensidades diversas, passíveis de serem percorridos por multiplicidades de raças e indivíduos.

**Questão 3)** W.E.B Du Bois – véu e dupla consciência. Paul Gilroy - Atlântico Negro e redes, fluxos, trocas e estruturas transnacionais. Diáspora africana e hibridismo cultural. Cultura negra, identidade, comunidade e pertencimento. Intelectuais negros, experiências de viagem, memória da escravidão e exílio. Cultura musical negra e as histórias de deslocamento, empréstimos, transformação, reinscrição e hibridização. Oyèrónké Oyèwùmí – conexões entre identidade social e pesquisa científica. História dos discursos de gênero nos estudos africanos. Gênero e Iorubalândia. Multidimensionalidade do colonialismo. Estado e educação. Estratificação e desigualdades. Cedric Robinson – capitalismo racial e tradição radical negra. Crítica dialética do marxismo. Marxismo e

luta negra, raça e classe. Filosofia política e modernidade eurocêntrica. Nacionalismo e Universalismo, Racismo e Colonialismo. Memória e Arqueologia das lutas negras em diáspora.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
MARO LARA MARTINS - MATRÍCULA 1575725  
Membro - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Em 21/10/2024 às 15:33

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.uks.ufes.br/arquivos-assinados/1014987?tipoArquivo=O>